

Resenha

MENSCH, Peter Van. *O objeto de estudo da museologia*. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994. (Pretextos museológicos, 1).

Gabrielle Francinne de S.C Tanus*

A leitura da obra “O objeto de estudo da museologia” do renomado pesquisador holandês Peter Van Mensch (1947-) deveria ser referência obrigatória nos 14 cursos de graduação em Museologia existentes no Brasil, sobretudo, nas disciplinas de fundamentos teóricos desse campo, que, geralmente, integram o núcleo específico dos currículos. A inclusão dessa obra se justifica em razão da sua especificidade temática, haja vista que ela sistematiza, dentro do cenário mundial, o percurso da constituição da Museologia, desde suas primeiras tentativas de consolidação até a conquista de autonomia como campo do conhecimento. Além de remontar a história do campo, essa obra teórica problematiza, de modo crítico, os diversos entendimentos acerca do objeto de estudo da Museologia, que, ao longo de seu processo de formação, passou pelas abordagens centradas no museu, depois na função, no objeto, até a relação entre o homem e a realidade, que é a tendência atual predominante nos estudos da Museologia.

Autor de extensa produção na área museológica, Mensch é também conferencista; consultor de sua empresa *Mensch Museological Consulting*; professor da cadeira de Patrimônio Cultural, na *School of the Arts*, de Amsterdã; de Teoria museológica, na *Reinwardt Academie*, também de Amsterdã, e na *University of Leiden*, cidade holandesa de Leiden; e professor visitante em outras universidades, como, na *Vilnius University*, da Lituânia, onde está ministrando aulas desde fevereiro deste ano. Mensch foi membro ativo no Conselho Internacional de Museus (ICOM), Comitê Internacional para a formação (ICTOP) e presidente do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM). Em sua tese de doutorado intitulada “*Towards a methodology of museology*”, defendida em 1992, na *University of Zagreb*, ele se debruçou sobre os fundamentos teóricos do campo da Museologia, lançando, com isso, bases para a clássica obra “O Objeto de estudo da Museologia”. Essa obra, traduzida há 19 anos para o português, é fruto da soma de esforços da Escola de Museologia da UNIRIO e

* Mestranda em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

do Museu Universitário Gama Filho. Com a aproximação do vigésimo aniversário de tradução, aliado ao cenário museológico favorável, esta resenha foi idealizada, na intenção de que sirva de estímulo para o leitor leia-a na íntegra.

A obra é dividida em uma primeira seção, que recebe o mesmo nome do título, as demais partes correspondem ao nome de cada uma das vertentes do pensamento museológico que, nesta resenha, foram numeradas (primeira vertente, segunda...) a fim de organizar e sistematizar o conteúdo. As últimas partes correspondem aos itens: discussão e conclusão. Nessa primeira seção o autor apresenta que a primeira pessoa a discutir o conceito de objeto de estudo da Museologia foi checoslovaco Jiri Neustupny, nos anos de 1950. Na década seguinte, especificamente nos anos de 1965, na antiga República Democrática Alemã, ocorreu, em Brno, o I Simpósio sobre Teoria Museológica, que definiu como objeto de estudo a “totalidade do trabalho em museus”. Mensch (1994) aponta que, ao invés de uma cristalização em torno de algumas visões ou escolas de pensamento, houve, a partir daquele evento, uma proliferação de olhares sobre a Museologia. Apesar disso, conforme o autor apresenta, o museólogo checo Zbyněk Zbyslav Stránský preferiu utilizar o termo “tendências de conhecimento”, ao invés de “objeto de estudo”, nesse contexto, o museólogo polonês, W. Gluzinski defendeu que a Museologia não teria apenas um objeto de estudo, mas vários objetos em conexão com as diferentes esferas de trabalho no museu.

Decorrida a leitura dessa seção, prossegue-se com as quatro vertentes, as quais representam a diversidade das discussões teóricas, dentro e fora do ICOFOM, das várias “museologias”. A *primeira vertente* consiste no estudo da “Museologia como o estudo da finalidade e organização de museus”; a *segunda vertente* em uma análise da “Museologia como o estudo da implementação e integração de certo conjunto de atividades, visando à preservação e uso da herança cultural e natural” (dentro do contexto da instituição museu e independente de qualquer instituição); a *terceira vertente* aborda a “Museologia como o estudo dos objetos de museus” e da “Museologia como estudo da musealidade”, e, por fim, a *quarta vertente*, que trata a “Museologia como o estudo de uma relação específica entre homem e realidade”. Segundo o próprio autor, “essa tipologia nada mais é do que um esboço, grosso modo, das principais orientações encontradas na literatura sobre museologia” (MENSCH, 1994, p. 3).

Essa *primeira vertente* consiste na visão mais tradicional e popular entre os trabalhadores dos museus: a visão de que a Museologia ocupa-se do estudo dos museus e de seus objetos. Esse entendimento relaciona-se intimamente com as discussões do I

Seminário Internacional de Museus, de 1958, realizado no Rio de Janeiro, que define a Museologia como ramo do conhecimento que diz respeito aos objetos e a organização de museus. A definição do ICOM, de 1972 também direciona a Museologia ao estudo da organização dos museus, de sua história, trajetória, papel na sociedade, métodos específicos de pesquisa e classificação dos diferentes tipos de museus (o que norteou muito dos programas de *Museum Studies*). Durante os anos de 1970 perdurou essa visão focada nos museus, cuja abordagem instintiva transparece um empirismo agudo, sendo interrompida com os trabalhos de I. Jahn, publicados em 1979/1980, e de K. Schreiner, publicado em 1982.

A *segunda vertente*, conhecida pelo seu funcionalismo em razão da concentração nas atividades e funções dos museus, é reconhecida pelo predomínio de verbos de ação nas descrições dos objetos de estudo da Museologia, como: preservar, comunicar, colecionar, investigar, expor, etc. O museólogo russo Razgon, representante dessa vertente, apresentou, em momentos distintos, a Museologia como uma ciência centrada na instituição (1978), no acervo (1982) e nas atividades (1988). Este último objeto de estudo aproximou-lhe de pensadores como I. Jahn, K. Schreiner, J. Benes, V. Schimpff e V. S. Bedekar. Em 1983, no Simpósio promovido pelo ICOM, sobre metodologias da Museologia, despontaram mais dois autores, J.Hodge e K. Myles, os quais definiram, respectivamente, a Museologia como estudo das atividades de colecionar e de comunicar. Neste mesmo ano, Peter Van Mensch defende a Museologia como conjunto de teorias e prática envolvendo o cuidado e o uso da herança cultural e natural, abrindo, assim, os estudos da Museologia para além dos muros dos museus.

Esse deslocamento do objeto de estudo da instituição (museu) para as atividades e funções anuncia a transição da Museologia empiricamente descritiva para a fase teoricamente sintética, onde o objeto/coleção assume uma centralidade e valoração como documento portador de informação, de aspectos culturais e de herança patrimonial. Desse modo, a *terceira vertente* é caracterizada pelos estudos dos objetos dos museus, e recebeu contribuições de Z. Bruna que definiu o objeto da compreensão museológica como o problema relativo ao material, isto é, da mudança dos objetos móveis de sua função original para novas funções como evidência de sua trajetória. A musealidade vista como objeto de estudo ou como mais uma atividade da Museologia recebe também destaque dentro dessa abordagem por meio dos estudos de Stránský e Ivo Maroevic, com a informação cultural, que a distingue de informação científica própria de outras disciplinas.

O desenvolvimento teórico da musealidade, do valor do documento para a relação específica entre o homem e a realidade, assume uma postura central na *quarta vertente* do pensamento museológico. Nos anos de 1980, Stránský, o “pai” dessa abordagem, ao ressaltar a intenção cognitiva da Museologia, definiu o seu objeto de estudo como “abordagem específica do homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados (...)”. Assim, a partir desse novo entendimento, despontaram as produções teóricas de Anna Gregorová, Wojciech Gluzinski, Soichiro Tsuruta, Judith Spielbauer, Waldisa Rússio Guarnieri, Heloisa Barbuy e Cristina Bruno, estas três últimas brasileiras. Essa ampliação da Museologia levou Tomislav Sola a propor, em 1982, a mudança do nome dessa disciplina científica para “Patrimoniologia”, expressando a postura de que a Museologia não mais lida apenas com o museu, mas sim com a herança como um todo. Todavia, essa ideia foi criticada pelo forte efeito passivo da concepção da palavra herança.

Na parte *Discussão*, Mensch aponta que as duas primeiras abordagens podem ser vistas como uma fase empiricamente descritiva cuja referência é ainda instituição-museu, enquanto que as outras duas abordagens, do objeto e da relação dele com o homem, podem ser vista como a fase teórica e cognitiva. Os museus, referências dos primeiros estudos da Museologia, configuram-se atualmente como um domínio da realidade, onde se entrecruzam outros campos do conhecimento, não mais sendo definidos, esses museus, como objeto de estudo. As mudanças e deslocamentos dos objetos de estudos da Museologia demonstram a dinâmica construção constante desse campo pela atuação produtiva de seus teóricos.

Conforme Peter Van Mensch, todas essas interpretações sobre as “museologias” lidam com o mesmo conjunto básico de parâmetros que são: a herança natural e cultural, as atividades ligadas à preservação e à comunicação desta herança, o quadro institucional e a sociedade como um todo. Enfim, chega-se a *Conclusão* que os estudos da Museologia têm uma longa história, a qual é permeada por diversas interpretações com diferentes níveis de abstração acerca de seu objeto de estudo. Acrescenta-se que a inter-relação entre os saberes e as práticas museológicas refletidas nas inúmeras ações – como propor, elaborar, desenvolver, coordenar, integrar, executar, avaliar, disseminar e fomentar – somente cumprirá, com efeito, seu papel se essas ações estiverem revestidas pelo conhecimento teórico que fornece subsídios para a racionalização de atividades eficientes e eficazes, que afastam as ações desordenadas, imediatistas e sem reflexões. Afinal, como o próprio Mensch

salienta, a Museologia já passou por sua fase de empirismo absoluto, cabendo, portanto, aos profissionais da área articular o conhecimento científico e a prática exercida nos museus ou em outros espaços, porque, “a teoria nos permite ver a relevância na observação, identidade no fato e significância nas interrelações” (MENSCH, 1994).

Finalmente, indica-se a leitura a todos aqueles que pretendem ampliar os estudos sobre a Museologia, àqueles cujo conhecimento desse campo é importante para desenvolver o pensamento e suas atividades e àqueles que se interessam por uma leitura agradável sobre epistemologia e ontologia do campo da Museologia, que fornecerá elementos fundamentais para o desenvolvimento e aplicação de uma prática mais consciente no campo da cultura e do patrimônio, seja ele material, imaterial ou natural.

Enviado em 25.06.2012
Aceito em 20.01.2013